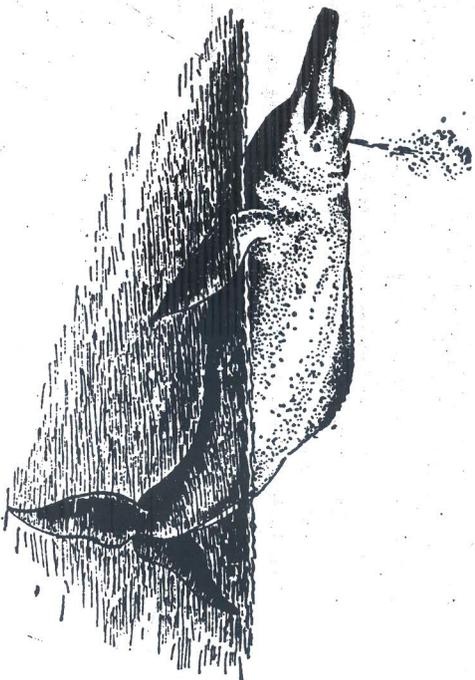


sentem pouco desejo de ganhar dinheiro além do estritamente necessário para satisfazer as necessidades físicas. As pessoas não prezam apenas o conforto material; fatores intangíveis, como recreação e hospitalidade, podem ser tão apreciados como um padrão de vida material mais elevado. Esses incentivos e valores é que freqüentemente são desprezados pelos administradores "práticos", responsáveis por programas de desenvolvimento econômico.



## 7. da magia à ciência

I

Na nossa civilização, as explicações de natureza científica e naturalística têm pouco a pouco substituído as explicações de ordem mágica e sobrenatural dos fenômenos e ocorrências. Essa mudança básica em nossa concepção universal teve início há séculos e ainda segue o seu curso com rapidez sempre crescente. Há relativamente bem pouco tempo, acreditava-se que a chuva tinha uma origem sobrenatural e que a malária resultava do ar mefítico ou de miasmas. Empregavam-se fórmulas mágicas e orações para se conseguir chuva necessária às colheitas e freqüentemente se lançava mão de precauções nocivas para evitar a malária, tal como dormir em um quarto hermeticamente fechado a fim de impedir a entrada dos ares noturnos. Hoje em dia, atribui-se a chuva a causas naturais, podendo-se mesmo provocá-la por meio de experiências cientificamente controladas. Sabe-se agora que o mosquito anófeles é o responsável pela transmissão da malária e a ciência ensinou-nos a combater a doença controlando o inseto. Exemplos semelhantes podem ser observados em quase todas as esferas de nossa vida. A medida que se expande o campo da ciência, a parte da experiência humana que depende de explica-

ções mágicas ou mesmo de "simples bom senso" vai constantemente diminuindo.

Esse processo de modificação não ocorreu com igual rapidez em todas as camadas culturais, nem foi em qualquer ocasião tão completo quanto o poderia ser. Mesmo nas nossas grandes metrópoles, as crenças em magia persistem face aos conceitos científicos mais modernos. Evitamos usar o número "13" em edifícios públicos e muitos dentre nós evitam passar sob uma escada de mão. A ciência não conseguiu penetrar total e "profundamente" nas grandes massas da população, nem se difundiu "exteriormente" até os que vivem nas áreas marginais de nossa civilização. Em Londres, Paris, Nova York e Rio de Janeiro é considerável o número de indivíduos que possuem apenas uma idéia vaga do conceito bacteriano da doença. Nas zonas remotas de qualquer país ocidental, são inúmeras as superstições com relação à agricultura, saúde e outros setores da vida humana. Destituído de conhecimentos a respeito dos solos, da genética das plantas e de outros princípios científicos de agricultura, o lavrador estabelece uma relação entre a fase da lua na época da plantação e o êxito de sua safra de batatas, e a mãe relaciona a doença de seu filho com o olhar fixo de um forasteiro a quem atribui "mau olhar". Tanto a ciência como a magia dependem de causa e efeito. Na magia, entretanto, a relação é estabelecida por analogia, uma invenção da mente humana, enquanto na ciência a relação existe no mundo natural e pode ser experimentalmente determinada. Por conseguinte, com a divulgação dos conhecimentos científicos, as relações mágicas e fortuitas, estabelecidas pela tradição, cedem lugar, pouco a pouco, aos ensinamentos científicos. A magia, porém, não se submete facilmente à ciência. As pessoas não abandonam com facilidade suas crenças tradicionais, mesmo em face de explicações mais racionais, uma vez que a experiência lhes confirma os pontos de vista gerais. Hesitam em adotar teorias novas que não submetem à prova. Conseqüentemente, os novos conceitos, para serem aceitos, devem ser apresentados em termos que estejam ao alcance dos pontos de vista gerais mantidos pelos indivíduos em questão. Sem um conhecimento dessa concepção geral, o inovador social pode encontrar dificuldade em lançar o que, a seu ver, é uma idéia racional.

O Brasil, com sua herança cultural formada pela fusão das culturas da Europa, da África e do Amérindio, possui sua parcela bem característica de crenças populares e práticas de magia. A região amazônica, isolada por tanto tempo dos centros da técnica e da ciência, conservou muitas crenças e magias dessas tradições culturais. Certas crenças medievais ibéricas permaneceram

muito tempo após haverem desaparecido em Portugal e numerosos conceitos e costumes de origem ameríndia ainda são hoje conservados na Amazônia pela população rural. A despeito do pequeno número de escravos africanos que vieram para a Amazônia, os costumes da África também influíram sobre as crenças populares da região. Em muitos casos, pode-se facilmente atribuir uma determinada série de crenças a uma dessas três culturas. Por exemplo, os conceitos e práticas peculiares ao feiticeiro ou charlatão, ou pajé, como é chamado na Amazônia, são de origem nitidamente ameríndia. Há porém outros elementos e complexos que parecem ter sido originados por mais de uma herança cultural. Dão a impressão de se haverem fundido nas práticas e costumes de duas ou três dessas tradições, passando a assumir as feições características da cultura popular amazônica. A crença em Matintapereira, indivíduo que, à noite, se transforma em fantasma, para ciliar um só exemplo, é provavelmente uma combinação da crença europeia em lobisomens com os conceitos dos índios amazenses sobre os temíveis espíritos das selvas. Não obstante a sua origem, as crenças populares da Amazônia constituem um importante aspecto da concepção geral do homem rural, simples, da região. Tais crenças, aliadas ao procedimento usual a elas associado, freqüentemente determinam a aceitação ou a rejeição dos conceitos científicos de importância vital para a transformação técnica do Vale Amazônico.

## II

A população de Itá é católica como a maioria do povo brasileiro. Lá existe uma família judia de origem marroquina, remanescente de um grupo que se estabeleceu naquela zona durante o período áureo da boitracha e apenas quatro ou cinco "crentes", como são chamados os protestantes, entre todos os habitantes da comunidade. Essa homogeneidade na fé religiosa é um importante fator para a solidariedade e união dos indivíduos de todas as raças e classes sociais. Os preceitos da Igreja Católica Romana proporcionam padrões ideais de comportamento em muitas situações da vida. Teoricamente todos são iguais perante a Igreja. Em Itá, porém, não há um sacerdote residente. Os sacramentos da Igreja só estão à disposição dos membros da comunidade quando o padre de uma comunidade situada rio acima visita a cidade durante as festas de Santo Antônio e São Benedito. Os sacramentos da confissão, comunhão, missa, batismo, crisma, matrimônio e extrema-unção só podem ser ministrados nessas ocasiões. Além

disso, quando o vigário da paróquia visita a comunidade, é considerado um estranho. Em muitas comunidades da Amazônia, o vigário é geralmente um missionário estrangeiro — um Franciscano da Alemanha, um monge Salesiano da Itália, um Dominicano francês ou, mais recentemente, um padre da ordem Maryknoll dos Estados Unidos. O sacerdote que visita regularmente Itá é um alemão cujo conceito rigoroso sobre o catolicismo não lhe granjeia grande popularidade entre os habitantes da localidade. Mesmo no passado, porém, quando o padre que servia era um brasileiro nato, a população o encarava com grande desconfiança. Os homens suspeitam das intenções de um padre que se encerra durante horas no confessionário com suas filhas e esposas; desconfiam de que se utilize dos fundos da igreja para fins pessoais. Assim, pois, em Itá, como em muitas outras comunidades brasileiras, a população tem pouco contato com a Igreja oficial. Os homens, em particular, demonstram sempre um grande antagônismo em relação à Igreja. Embora qualquer padre seja respeitado ex-officio, e exerça considerável influência, os sacerdotes em geral não são líderes poderosos na maioria das comunidades brasileiras, como freqüentemente acontece em outros países católicos latinos.

As atividades religiosas de Itá, assim como as várias outras comunidades da Amazônia, são entregues à responsabilidade da própria população. A liderança e direção são exercidas pelos devotos locais. Dona Branquinha, a professora, zela pela igreja, dirige as ladinhas e leciona catecismo às crianças. Nas localidades rurais vizinhas, são as irmandades religiosas, descritas em um dos capítulos precedentes, que organizam e promovem as atividades religiosas. Em todas as comunidades brasileiras existem “beatos”, isto é, devotas como dona Branquinha (e algumas vezes Tais mulheres “moram na igreja”, no dizer do povo. São os árbitros religiosos e, não raro, morais, de suas comunidades. Em Itá, dona Branquinha é a tesoureira da igreja, recebendo donativos para os santos. Dedicada a maior parte de seu tempo e atenção a assuntos religiosos, chegando mesmo a associar os sentimentos religiosos às suas aulas regulares na escola. Algumas pessoas acham graça nisso, alegando que ela tenta pagar os pecados cometidos na sua juventude, e algumas línguas ferinas lançam dúvidas quanto à natureza de suas relações com o padre. Comenta-se meio a sério que um antigo padre é o pai de seu segundo filho. Dona Branquinha, porém, desprezando esses mexericos, zela pelo seu rebanho e queixa-se de sua falta de religião e da “profanidade” de suas atividades religiosas.

O fato de a igreja não exercer o devido controle sobre a vida religiosa de Itá não significa que a sua população seja anti-religiosa. Pelo contrário, os habitantes professam ser “bons católicos” e, a seu modo, o são. Entretanto, o conteúdo de sua religião inclui muitas variações locais de crenças ibéricas arcaicas, as quais, embora não entrem em conflito direto com a ideologia ortodoxa contemporânea, freqüentemente colocam em segundo plano muitos de seus preceitos dominantes. Deus e Cristo são adorados, porém a Virgem Maria e os santos têm maior relevo na religião local. Além disso, a devoção de seus habitantes concentra-se nos santos cujas imagens podem ser encontradas na igreja do lugar e nas pequenas capelas das localidades rurais, vizinhas, tais como as de Santo Antônio, São Benedito, São João, Santa Apolônia e a da Virgem Maria, que o povo identifica com as imagens. Cada santo é considerado uma divindade local. Santo Antônio e São Benedito, cujas imagens ocupam o altar-mor da igreja matriz, chegaram mesmo a ser vistos à noite caminhando pelas ruas. O pai de Juca contou-lhe ter avistado os dois santos passando certa noite sob as mangueiras da rua principal; usavam hábitos de monge e dirigiam-se à igreja, onde os viu entrar. Uma luz acendeu-se no interior e em seguida a igreja voltou às escuras. No dia seguinte foi ele até a igreja e examinou ambas as imagens, verificando que tanto Santo Antônio como São Benedito tinham areia nos pés. Em outra ocasião, um soldado viu dois homens caminhando pela rua, altas horas da noite, e como não atendessem à sua ordem de alto, fez fogo. Ambos continuaram caminhar e ele os reconheceu como os dois santos tendo o zelador da igreja no dia seguinte encontrado um orifício produzido por bala na imagem de Santo Antônio. Outras imagens do mesmo santo, em localidades próximas, não são consideradas idênticas pela população. A igreja de Arumanduba possui um São Benedito “mas não é igual ao nosso”, informou-nos um cidadão de Itá, “talvez seja um filho do que está na nossa igreja. O nosso é um “pretão” e nunca sorri como o pequeno” (o da igreja de Arumanduba) (1).

(1) A história da vida de São Benedito, como é relatada em Itá, repete-se com a tez escura e como um “escravo da casa de Nosso Senhor” — tendo a mesma cor e categoria dos antepassados da maioria das pessoas da classe mais baixa. Uma versão conta que S. Benedito trabalhava na cozinha do Senhor, à cuja mesa servia, assim como à de outros santos. Sentia pena dos mendigos que esmolavam à porta da cozinha e dava-lhes pão. Os outros santos contaram ao Senhor que Benedito furtava, tendo o Senhor se escondido atrás de uma porta e ao ver Benedito sair com um embrulho contendo pão para os mendigos ordenou-lhe que o abrisse.

saram-se de um segundo novilho e o puseram na canoa, pois entenderam que S. Benedito ficara contrariado e punira o homem, obrigando-o a presenteá-lo com dois animais em vez de um só.

Algumas vezes os santos são mais severos em seus castigos para com aqueles que quebram promessas. Erviam doenças, pragas para as plantações e má sorte nos negócios. De vez em quando o santo ofendido manda um aviso. Certa vez, quando a imagem de São Benedito era transportada para Abaeté, localidade onde há especialistas em pinturas de imagens, a bordo de uma embarcação fluvial, o capitão do navio colocou o santo juntamente com o resto das bagagens. Logo ao deixar Itá, o piloto descobriu que o lene estava desgovernado, sendo a embarcação apanhada de lado pela corrente. A tripulação sentiu que iria espatifar-se de encontro à margem. Um residente de Itá, porém, lembrou-se do santo e informou o capitão acerca de seus poderes. A imagem de São Benedito foi apressadamente removida do porão e colocada em um altar improvisado em uma das cabinas. A embarcação imediatamente retomou o rumo certo. Os santos curam doenças, mantêm boas colheitas, protegem o seringueiro em suas *estradas* e protegem os barqueiros contra os perigos da navegação, ajudam as pessoas a encontrar objetos perdidos e as jovens a conseguir maridos e promovem o regresso ao lar dos pais de família amantados de aventuras. Executam uma infinidade de ações caridosas, mas ao mesmo tempo são ciosos de seus direitos, esperando uma retribuição pelas graças e a proteção que concedem.

Como em todas as comunidades latino-americanas, acredita-se que certos santos possuem poderes e atributos especiais. Santo Antônio é casamenteiro, sendo por isso especialmente invocado pelas jovens que anseiam por marido. São Cristóvão, como em outros lugares, vela pelos navegantes; São Tomás favorece os lavradores; Santa Apolônia é a padroeira dos dentes, auxiliando aqueles que padecem de tais dores. Nossa Senhora das Dores protege as parturientes e São João e São Pedro são amigos dos amantes. São Benedito, como já foi mencionado, é o protetor especial dos seringueiros e todos os anos muitos deles doam o produto do primeiro dia de colheita da borracha ao seu protetor. Além disso, quase todos os residentes de Itá veneram um santo que provou ser particularmente indulgente para com eles ou suas famílias. Cada família tem no mínimo uma pequena imagem ou, às vezes, um grande quadro do santo ou santos de sua especial devoção. Nossa Senhora das Dores é a devoção de Maria Silva. Apareceu-lhe, uma noite, em sonho, numa ocasião em que havia em Itá numerosas famílias atacadas de febre e, graças à sua proteção, nem Maria, nem sua família contraíram a epidemia. Por

esse motivo, Maria e seus amigos organizaram uma pequena confraria para render culto à santa. Juca desfruta da proteção especial de Santa Luzia que o ajudou a livrar-se da embriaguez. Muitos acham que seu protetor especial é o santo do dia em que nasceram ou de quem têm o nome. De fato, as pessoas dão aos filhos o nome dos santos que julgam ser seus guardiães. Em Itá, o número de Beneditos e Beneditas atesta a popularidade do santo. Na verdade, embora tenham devoção por outro santo, todos em Itá, uma ou outra vez, recorrem a S. Benedito. Conquanto Santo Antônio seja o padroeiro oficial da cidade, a população local crê que S. Benedito é quem realmente protege a comunidade e sua fama estende-se por uma grande região. As histórias das curas por ele efetuadas não têm fim. O número de presentes que se podem ver diante da imagem, o volume de donativos oferecidos todos os anos e a afluência de pessoas que assistem à festa de São Benedito são uma prova de devoção a esse santo, amplamente difundida em toda a região do Baixo Amazonas. Não se passa um dia sem que se ouça em Itá o ruído produzido pelos foguetes lançados em honra de S. Benedito por um barqueiro de passagem.

### III

Além desse conjunto de crenças católicas, os habitantes de Itá creem em poderes sobrenaturais e realizam práticas mágicas de origem aborígene. Os portugueses descobriram como sobreviver na nova terra, souberam explorar o meio, embora estranhos, submetendo-o ao controle das populações nativas; todavia, durante o processo, adquiriram muitas crenças aborígenes. Estas foram perpetuadas na nova cultura formada à medida em que os grupos eram desmembrados e dominados pelos recém-chegados. Os pontos de vista gerais do mestiço e do caboclo amazônico foram assim convertendo-se numa intrincada amalgama de ideologia nativa e europeia. Não é, pois, surpreendente que os aspectos da religião nativa relacionados à selva, ao poderoso rio, à fauna e à flora, e às atividades do homem em sua exploração do meio, constituam hoje parte das crenças populares de Itá e de outras pequenas comunidades da Amazônia.

O sistema religioso das tribos Tupi, que tanto influenciaram a cultura popular amazônica, não dava grande destaque aos ritos minuciosamente organizados e conduzidos por um sacerdote, como o faziam as religiões das populações nativas, mais complexas, do México e do Peru. Sua religião não obedecia à

um sistema organizado, não possuindo um pantão bem definido ou uma ideologia religiosa altamente sistematizada. A origem dos fenômenos naturais e das partes práticas foi atribuída a uma série de heróis lendários da cultura. Um deles, Mairá-Monam, ensinou à humanidade as técnicas da agricultura e um outro, Monam, criou o céu, a terra, os pássaros e os animais. Tupã, mais tarde identificado pelos missionários cristãos como o Deus cristão, era uma figura secundária que comandava o relâmpago, o trovão, e as chuvas. Essas figuras ancestrais não eram adoradas como forças sobrenaturais ativas. Em seu lugar, era a uma série de espíritos da selva e almas do outro mundo que se atribuía o poder de causar a má sorte, as doenças, as derrotas na guerra e as desgraças em geral e era essa categoria de poderes sobrenaturais que se devia adorar, apaziguar e controlar. Um deles, Yurupara, descrito como um perigoso duende das selvas, foi comparado pelos missionários cristãos ao Diabo. Acreditava-se que atraía os caçadores para as profundezas das selvas até que ficassem irremediavelmente perdidos. Outro ainda, Curupira, pequena criatura com aspecto humano, com os pés voltados para trás, protegia os animais selvagens e punia os caçadores. Os povos tupis tinham terror mortal às almas do outro mundo e acreditavam que elas tomassem a forma de animais — um sapo, pássaro ou lagartixa — e vagassem durante a noite.

Essas crenças religiosas nativas entravam inevitavelmente em conflito com a ideologia cristã que fornecia outras explicações para a origem das coisas. Os missionários decidiram-se a combater as crenças pagãs, ensinando às populações os conceitos ortodoxos do catolicismo. Os nomes dos heróis da cultura indígena desapareceram, sendo substituído pelos de Deus, do diabo e dos santos. Todavia, os colonizadores e missionários dos séculos XVII e XVIII acreditavam, eles próprios, em lobisomens, feiticeiros e demônios; seu ponto de vista a respeito do mundo sobrenatural eram, a muitos respeito, semelhantes aos dos nativos. Uma vez que os demônios das selvas e os espíritos malféticos pertenciam a um mundo novo e estranho e não contradiziam diretamente a ideologia católica ortodoxa, não era difícil aos colonizadores e missionários acrescentar essas entidades perigosas e apavorantes das selvas e do rio à sua própria bagagem de crenças mágicas. Os novos demônios e espíritos, segundo a descrição dos nativos, correspondiam de modo geral aos da crença medieval ibérica. Assim, os pontos de vista universais nativo e europeu fortaleceram-se mutuamente e se fundiram de modo a formar a concepção geral da cultura popular amazônica.

Os indígenas de língua tupi da selva amazônica dependiam dos feiticeiros ou charlatões, aos quais denominavam *pajés*, para protegê-los contra os demônios, curarem suas doenças e aliviá-los das desgraças causadas pelos maus espíritos. Esses feiticeiros, ou pajés, caracterizavam-se por traços peculiares que os distinguiam dos leigos. Consta que eram possuidores de temperamento nervoso e altamente excitável. Ao se comunicarem com os espíritos que controlavam, entravam em transe e até mesmo em crises catalepticas. Tais tranSES eram provocados pela tragada de grandes quantidades de tabaco e pela dança e canto ao ritmo do matraquear de uma cabaça. Os indígenas acreditavam que toda doença tinha uma origem mágica ou sobrenatural; resultava de um castigo imposto por um espírito das selvas, alma do outro mundo ou magia negra dos feiticeiros. Os pajés curavam tais doenças por meio de massagem, soprando fumaça de tabaco sobre o corpo do doente ou extraindo o pequeno objeto (um osso, uma pedra, ou mesmo uma lagartixa) introduzido no doente pelo espírito ofendido. Os pajés destruíam de enorme poder entre seu povo. Após o ano de 1500, sucederam-se vários movimentos renovadores entre as tribos Tupi, liderados por pajés que prometiam o retorno à "terra lendária dos heróis tradicionais", terra essa onde os habitantes não teriam que trabalhar e onde gozariam de juventude eterna (?). Vários grupos migraram rio acima, no Amazonas, para áreas situadas acima da foz do rio Negro, a fim de escaparem aos europeus e irem em busca dessa terra lendária.

Até hoje podem-se encontrar pajés entre as populações mistas da Amazônia. Na realidade, eles exercem atualmente seu ofício entre a população rural amazônica através da maior parte do Vale. Controlam, como no tempo dos nativos, as almas do outro mundo e os espíritos perigosos das selvas. O povo continua a crer em poderes sobrenaturais e acredita-se que sejam necessários feiticeiros para enfrentar tais poderes. Pode-se encontrá-los em Santarém, e sobretudo em Óbidos onde se concentram; até mesmo nos distritos operários de Belém e Manaus existem indivíduos, que se denominam pajés, que professam uma crença espírita, misto de aborígene e moderno. Nenhum pajé vive atualmente em Itá, porém há vários nas localidades vizinhas, a quem os moradores da cidade freqüentemente consultam, procurando conselhos e pedindo a realização de alguma cura. Algumas vezes persuadem-nos a ir secretamente à cidade. Essa visita, entretanto, tem que ser mantida em segredo porque o médico sediado em Itá

(2) Alfred Métraux, "Les Migrations Historiques des Tupi-Guarani", *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 1927, xix, pp. 1-45.

entendeu há anos atrás uma campanha contra os pajés, acusando-os de praticar a medicina sem licença, um deles tendo sido preso em consequência. Desde então, os pajés agem clandestinamente, com medo das autoridades. Estas, por sua vez, alegam que aqueles são "selvagens supersticiosos e sem cultura", criminosos que devem ser banidos da comunidade. A maioria das pessoas nega haver jamais procurado o auxílio de um pajé, mas, mesmo assim, alguns deles vivem nas redondezas de Itá e são figuras populares e sempre ocupadas. Uma autoridade municipal, segundo consta, procurou certa vez um pajé para obter uma cura. Na realidade, é ele temido e respeitado tanto pela população urbana, como pela rural e geralmente as autoridades fingem ignorar suas atividades.

Nenhum dos feiticeiros que habitam Itá, entretanto, é um grande pajé. Os grandes pajés, no consenso geral de Itá, vivem há cerca de uma geração e tinham o título de "sacacas". Homens famosos como Joaquim Sacaca, que dizia ser um indígena do alto Rio Negro, Fortunato Pombo, que habitava as vizinhanças de Jocojó e Lúcio, falecido há cerca de 10 anos, eram pajés "sacacas"<sup>(3)</sup>. Dizia-se que esses poderosos feiticeiros tratavam familiarmente numerosos espíritos que os ajudavam em suas curas; eram capazes de percorrer enormes distâncias sob a água e permanecer mergulhados durante dias e até semanas. Esse dom que possuíam distinguia-os dos pajés menos poderosos que hoje servem a população de Itá. Corre que os "sacacas" usavam a pele de uma cobra grande durante suas viagens sob a água. Cada um deles possuía um lugar particular à margem do rio, a que chamavam de seu "porto" e de onde mergulhavam no reino encantado das profundezas do rio Amazonas ou para suas viagens submarinas. O porto de Joaquim Sacaca, por exemplo, consistia em um tronco de madeira com espinhos, sobre o qual somente ele podia andar descalço. Um outro "sacaca" utilizava-se de um tronco oco como um túnel para entrar na água. Fortunato Pombo freqüentemente visitava outras cidades. Viajava de Itá para Santarém em alguns minutos e num instante realizava viagens por baixo d'água até às mais afastadas cidades amazônicas. Joaquim Sacaca ouvia freqüentemente o chamado de Luandinha, um espírito feminino que dizia ter sido uma grande cobra-d'água, e então desaparecia por umas horas para passar algum tempo em sua companhia nas profundezas do Amazonas. Bolhas de água eram vistas à tona à me-

(3) O autor não conhece uma tradução para o termo "sacaca", em-bora seja o nome dado a uma tribo indígena que outrora habitou a ilha de Marajó de onde talvez procedam vários pajés famosos.

diada que descia ao fundo para a ela se reunir. Os espíritos chamavam Joáquin de "Pai" e dizia-se que os pajés "sacacas" não morriam. De acordo com o folclore, viviam eternamente em um reino encantado no fundo das águas, do mesmo modo que os feiticeiros das tribos indígenas Tupi habitavam uma terra lendária no oeste.

Consta em Itá que um grande pajé pode estar anunciando seus futuros poderes quando grita alto no ventre materno. Em criança, um pajé é diferente das demais; ele ou ela — pois as mulheres também podem ser pajés — é sujeito a acessos de raiva e a ataques. Demonstra precocemente sinais de poderes sobrenaturais. Quando menino, Fortunato Pombo gostava de errar pelas margens do rio apanhando camarões e pequenos peixes com um arco e flecha de brinquedo. Um belo dia desapareceu; a mãe lhe encontrou a camisa dependurada em um poste, próximo ao embarcando, ao fim dos quais Pombo reapareceu. A princípio recusou-se a contar sua aventura mas, por fim, mencionou os espíritos companheiros que encontrara nas profundezas da água, a comida e o charuto, "tauari", lindamente pintado que lhe haviam oferecido mas que rejeitara temendo nunca mais regressar<sup>(4)</sup>. Aos doze anos, Fortunato já havia efetuado uma cura. Um dia, ao visitar com sua mãe um menino moribundo, anunciou que ele não morreria. Apanhou algumas ervas no quintal e disse à mãe que preparasse uma poção para o doente. Lembrando-se da visita anterior de Fortunato ao fundo das águas, a mãe obedeceu e pouco após o menino restabelecia-se. Daí por diante, a fama de Fortunato como pajé espalhou-se.

Outros pajés não se revelam tão precocemente. Via de regra os pais de crianças que dão mostra de possuir tais dons relatam em permitir que seus filhos se tornem pajés, tomando para isso as providências necessárias. Levam às vezes os meninos que apresentam tais sintomas a um pajé, rogando-lhe que afigente os espíritos atraídos pela criança. Outros, que desejam que seus filhos se tornem pajés, levam-nos a um feiticeiro poderoso para que este estabeleça a relação entre os espíritos e a criança. Caso não se adote uma dessas duas medidas, a criança que demonstra tais sintomas talvez não tenha capacidade para resistir aos espíritos, vindo a morrer. Hoje em dia, pelo menos, as pessoas dizem

(4) O tema de Orfeu em Hades, sobre o perigo de comer qualquer coisa no mundo subterrâneo, sob pena de não mais regressar, reaparece em todas as histórias relativas às viagens dos pajés de Itá ao fundo das águas.

que não querem que seus filhos se tornem pajés. Estes são perseguidos pelas autoridades, estigmatizados de "pagãos" pelo padre e publicamente criticados pela classe alta. Freqüentemente, porém, o indivíduo não pode evadir-se. Dona Benta, por exemplo, contou que sua filha se tornou pajé a despeito dos esforços de um velho colega que afugentou os espíritos e que, incerto dos resultados de sua cura, avisou aos pais que observassem cuidadosamente a menina quando estivesse ao redor dos 15 anos de idade. A menina teve uma vida normal até os 16 anos, época em que o pai faleceu. O choque obrigou-a a atirar-se na rede, onde chorava e gemia de dor. Então, em meio aos gemidos de sua filha, dona Benta ouviu uma voz de homem que dizia chamar-se Nerto, um espírito das trevas. Outras vozes uniram-se à de Nerto e através da filha anunciavam seus nomes. Algumas eram femininas, outras masculinas. Mais tarde a moça contou as conversas que tivera com os espíritos. Tinha ela o dom de predir o futuro e efetuou diversas curas milagrosas. Aconselharam dona Benta a que a levasse a um conhecido pajé para que fosse devidamente instruída sobre a maneira de lidar com os espíritos, a fim de evitar riscos. Dona Benta não permitiu que a mesma recebesse lições completas, temerosa da polícia e da opinião pública. Os moradores locais estão convencidos de que a morte da rapariga, vários anos mais tarde, ocorreu porque ela foi "levada pelos seus espíritos".

Algumas vezes os sintomas manifestam-se tarde. Enéas Ramos disse-nos que ficou surpreendido quando sua filha mais velha evidenciou tais sinais, depois dos vinte anos. Vinha padecendo de graves dores de cabeça, chorando e gemendo durante o sono. Diveras "rezadeiras" e "benzedoras", que aliam a seus métodos ervas medicinais, tentaram, sem sucesso, curá-la de suas dores. Certa noite ela se levantou da rede e correu desordenadamente em direção ao rio, onde teria mergulhado se o pai e os irmãos não a impedissem. Esse procedimento incontrolável ocorreu diversas vezes antes que Enéas se decidisse a procurar um pajé. Este conseguiu afugentar temporariamente os espíritos, que, entretanto, logo retornavam. A jovem casou-se cedo, transferindo-se para Belém onde se tornou pajé. Notícias de lá informam que Maria José, como é chamada, é agora pajé famosa e médium espírita em um distrito operário dessa cidade.

Embora muitas mudanças tenham ocorrido desde os tempos aborígenes, a feitiçaria amazônica moderna demonstra a notável persistência da religião indígena, apesar de mais de três séculos de influência cristã. Como os seus antecessores indígenas, o pajé moderno da Amazônia dispõe de um cortejo de espíritos que o auxiliam; possui poderes de adivinhação, torna-se possesso, entra

em transe e efetua curas. Hoje em dia, seus poderes sobrenaturais em transe são principalmente "espíritos das profundezas do rio", com nomes brasileiros modernos, um santo, ou um "índio" (isto é, o espírito de um pajé indígena), de preferência aos velhos demônios das selvas e almas do outro mundo dos Tupi. Atualmente, usa-se o álcool, juntamente com o tabaco, para estimular o transe. Um pajé poderá dançar e cantar segurando um chocalho sagrado, como o fazia o *paý* Tupi, ou poderá usar um feixe de penas vermelhas de papagaio, uma vara de ervas, ou mesmo um crucifixo, para o mesmo fim. Porém, as antigas técnicas de curar, isto é, o processo de soprar fumaça de tabaco sobre o corpo do paciente, de fazer massagem ou de fingir que se extrai um pequeno objeto do corpo do doente, permanecem essencialmente as mesmas.

Um dos membros do nosso grupo de pesquisa foi tratado por um pajé de nome Sátiro, que não é um pajé poderoso e prática há poucos anos. Ascendino e Maria de Lourdes, ambos residentes de Itá, são mais famosos. Os métodos de Sátiro não são tão tradicionais quanto os dos pajés mais famosos; ele, porém, iniciou a cura da maneira tradicional. Preparou uma mesa, cobrindo um pequeno caixote com uma toalha sobre a qual colocou vários charutos longos, fabricados com tabaco local e enrolados em nuvens ávore "tauari". Em seguida fungou um copo, soprando fumo de fumo no seu interior, enchendo-o depois com aguardente. Pediu ao seu paciente que se estendesse na rede próxima à mesa e começou a cantar, invocando, pelo seu próprio nome, cada um dos espíritos que o auxiliavam. Subitamente um dos espíritos apoderou-se dele e tanto sua voz, como a sua postura sofreram mudança imediata. Obviamente devia tratar-se de um espírito feminino, pois entouou seu canto em falsete agudo e seus movimentos tornaram-se graciosos.

Nesse momento Sátiro bem poderia ter utilizado seus poderes divinatórios, visto que os pajés, quando em transe, anunciam quais serão seus futuros pacientes e são até capazes de ler o pensamento do enfermo sob tratamento. Ascendino, por exemplo, leu os pensamentos de um de seus pacientes, dizendo-lhe: "Você pensa que eu sou ignorante e não acredita em mim". O paciente sentiu-se embaraçado mas confessou que Ascendino acertara. Sátiro, entretanto, não utilizou tais poderes. Começou a fumar e a beber sem parar, cantando na voz de sua "companheira" que, dizia ele, era Mariquinha — um espírito feminino das trevas. Deixou-nos e desceu pelo caminho que ia da casa até o riacho próximo. Aí, em pé dentro d'água, invocou outros espíritos com panheiros. Embora não usasse chocalho, segurava uma vara na

mão, com a qual fez uma cruz sobre si mesmo e sobre o paciente, ao regressar, tendo em seguida soprado fumaça de tabaco sobre o corpo do doente, friccionando-lhe as costas onde se queixava de dores. Ascendino ou Maria de Lourdes teriam sugado a área dolorida. Finalmente, Sâitro apresentou seu diagnóstico: as dores não resultavam de encantamento feito por um inimigo, portanto não podia mostrar um besouro ou um pequeno pedaço de osso. (Em outra ocasião, um pajé anunciou ter removido um besouro introduzido no corpo de seu paciente por bruxaria, soprou no interior de um copo contendo aguardente, cobrindo-o rapidamente com um pires. Na manhã seguinte um grande besouro preto foi encontrado flutuando na aguardente.) Disse Sâitro que as dores de seu paciente provinham de causas naturais — “um ataque de ramo frio” — e recomendou uma dieta especial e uma série de ervas medicinais. Por fim despediu os seus espíritos e retornou ao estado normal dizendo sentir-se exausto.

Sâitro continua aprendendo sua profissão. Embora desejasse ardentemente possuir um chocallo, contou-nos que primeiro teria que adquirir o poder de viajar sob a água. Nas profundezas do rio espera ele receber seu “maracá” da própria boca de uma cobra-grasde. Um pajé de maior fama disse-lhe que também necessitava de um “espelho virgem” — um em que ninguém se tenha ainda mirado — a fim de poder divisar os espíritos companheiros sem correr risco, durante as viagens, de baixo d’água. Tentou Sâitro várias vezes, sem êxito, adquirir um desses espelhos, mas sempre alguém lhe olhava por cima do ombro quando a caixa que os continha era aberta na loja. Ele está seguro de que virá a ser um poderoso pajé. Desculpou-se por não poder ainda distinguir todos os seus “companheiros”. “No começo”, disse ele, “é como uma floresta em que a gente sabe que há seringueiras, mas, como nenhuma *estrada* foi feita ainda, não se podem ver as árvores e ninguém sabe como chegar até elas”. Acredita que um dia será capaz de viajar sob a água e visitar a cobra-grande e que terá um “índio” entre seus espíritos companheiros, como Maria de Lourdes e Ascendino. Quem sabe, Sâitro talvez se torne ainda um “sacaca”, com todo o prestígio de que desfrutavam esses homens famosos da geração passada.

Os pajés modernos de Itá sofreram a influência do catolicismo e, como os leitores devem suspeitar, até certo ponto, do espiritismo que é praticado nas grandes cidades de Belém e Manaus. No entanto, a maioria dos pajés estabelece uma distinção entre o espiritismo e a verdadeira “pajelança”. Dizem eles que os médiums espíritas da cidade lidam com “espíritos do ar”, vagamente considerados almas desmaterializadas, enquanto o pajé autêntico

lida com “seres da água”. Os pajés não percebem tão bem a diferença entre o catolicismo e a feiticaria. Ao efetuarem suas curas usam livremente orações católicas e pseudocatólicas; persignam-se e às vezes incluem um santo entre seus espíritos “companheiros”.

Todos os pajés professam veementemente ser bons católicos e fiéis devotos de seu santo padroeiro especial. Porém, no Vale Amazônico, ao contrário do que acontece entre as populações indígenas do Peru, Guatemala e México, não houve uma fusão completa entre o catolicismo e os remanescentes dos ritos religiosos nativos. Em vez disso, a crença nos pajés e seus espíritos existe simultaneamente com o catolicismo e o culto dos santos. As duas correntes, o pajéismo e o catolicismo popular, não entram em conflito; cada uma delas serve seu próprio objetivo. Os santos velem pelo bem-estar geral da comunidade e, através do meca-pajéismo ligam-se a influências mágicas, curando doenças causadas por poderes sobrenaturais maléficos e por bruxarias.

#### IV

Como as crenças ligadas ao pajé, a série de perigosos seres sobrenaturais que habitam as selvas e o rio, a que se refere a população de Itá, tem também origem essencialmente indígena. Como sucede no pajéismo, a antiga crença religiosa indígena tem-se modificado e fundido nos conceitos europeus análogos, introduzidos na Amazônia pelos portugueses. Alguns residentes de Itá negam a existência de tais espíritos e seres sobrenaturais, principalmente os que pertencem à classe mais alta que ouviram pessoas de fora ridicularizarem tais idéias, chamando-as de superstições e “bobagem de caboclo”. Sobretudo na presença de moradores das cidades, os membros mais sofisticados da comunidade sentem-se envergonhados e fingem rir de tais noções. Mas, na realidade, quase todos em Itá, mesmo a maioria da classe alta, conservam sua crença nesses seres perigosos. Quando correu a notícia, por exemplo, de que a cobra-grande de olhos luminosos tinha sido vista no rio, próximo a Itá, nenhum descrente da classe alta se aventurou a navegar à noite em uma canoa. Longe de serem velhas superstições postas de lado, as crenças nesses seres sobrenaturais indígenas e europeus continuam vivas até hoje em Itá.

Muitos desses poderes estão diretamente ligados à caça e à pesca — à exploração do ambiente natural. Esse é o caso de

Anhangá<sup>(5)</sup>, fantasma ou demônio que persegue os indivíduos na selva, segundo contam os caçadores e seringueiros. Anhangá apa-rece-lhes geralmente como um "inhambu"; ave selvagem, mas pode tomar a forma de quase todos os animais. Todavia, como freqüentemente aparece sob a forma de inhambu, este é consi-derado "visagento", isto é, portador de azar. A única diferença entre o inhambu normal e o Anhangá é o modo de proceder e as penúgens brancas do peito e penas vermelhas da cabeça, caracte-rísticas deste último. Tanto Jorge Porto como Juca já viram Anhangá sob a forma de inhambu. Jorge e alguns amigos acha-vam-se acampados bem no coração da floresta, cortando madeira, quando ouviram um assobio agudo que se aproximava, dando por fim a impressão de partir de cima de suas cabeças, na tenda. Reconhecendo o som de Anhangá, Jorge aspergiu água-benta sobre si e seus companheiros a fim de o afastar<sup>(6)</sup>. A expe-riência de Juca está mais de acordo com o padrão local. Vinha ele caçando inhambus com excepcional êxito. Todas as tardes, depois de trabalhar em sua roça, caçava durante algumas horas, apanhando sempre uma ou duas aves. Certa tarde, porém, viu um Anhangá e atirou antes de o reconhecer. A ave tomou sobre a cabeça do caçador e pesava de tal forma que o derrubou, dei-xando-o inconsciente. Teve sorte, disse-nos, porque o Anhangá não "roubara sua sombra", deixando-o às portas da morte. Após se haver salvo por um triz, Juca desistiu da caça, aterrorizado.

Como os inhambus, os macacos, especialmente o guariba, ou *Alouatta caraya*, são temidos na selva. O guariba é também con-siderado "bicho visagento". Alguns deles, apesar da aparência de um animal normal, têm o dom de "roubar a sombra do homem". O seringueiro Antônio Dias relatou-nos seu encontro com um desses macacos malignos. Um dia ouviu alguém chamá-lo ao cami-nhar sozinho pela floresta; voltando-se deparou com um grande macaco (*Alouatta caraya*) que avançava sobre ele. Fugiu em pânico. As mulheres, especialmente, têm pavor ao guariba pois crêem que ele lhes invade as casas para as violentar. Muitas pes-soas acreditam que esses animais malignos são "mãe de bicho", ser sobrenatural que protege os animais de cada espécie contra os caçadores ou pescadores que os destroam em grande quantidade. Tais seres punem os caçadores e pescadores, roubando-lhes a sombra.

(5) Anhangá na lingua geral e na linguagem Tupi nativa significa "fantasma" ou "sombra".

(6) Ele não explicou porque levava água-benta na sua bagagem, porém freqüentemente os homens carregam uma garrafa dessa água nas longas viagens, para tais contingências.

O mais famoso dos espíritos da selva, entretanto, é o Curu-pira, pequena criatura cujos pés são voltados para trás. Vive no coração da mata de onde freqüentemente se ouve o seu silvo estridente. Dizem que tem especial predileção pela aguardente e o fumo. Atrai os caçadores para o interior da selva até que se percam sem esperança de regressar. O Curupira imita a voz humana; chama assim o caçador ou seringueiro que, acreditando ouvir o chamado de um companheiro, se desvia de seu caminho. Todos em Itá ouviram falar do Curupira mas ninguém jamais o viu; nas localidades vizinhas, há homens que dizem lhe ter ouvido a voz na floresta, sem jamais o ver, porém. Muitas pessoas, entretanto, contam casos de antepassados seus que estiveram frente a frente com o Curupira. Enéas Ramos contou-nos um caso relatado por seu avô, que já era idoso quando Enéas era menino. Naquele tempo, o igarapé Arinoá era cercado por uma floresta impene-trável: era um "reduto de Curupiras". Segundo reza a história, o avô de Enéas falou a um recém-chegado à cidade sobre a caça selvagem que poderia ser encontrada no braço superior do igarapé Arinoá, e o homem resolveu ir caçar nesse local. Seguiu, armado de uma "cruz de cera benta," ao redor do pescoço e de um supri-mento dessa cera na mochila. Relatou mais tarde o encontro que tivera. Logo na primeira noite, ao amarrar a canoa, viu o Curu-pira, descrevendo-o como uma criatura escura "da estatura de uma criança" e "parecido com um caboclinho". O Curupira porém não podia se aproximar porque a cera benta o repelia e o mantinha a distância. Pediu ao caçador que removesse a cruz do pescoço e, quando este lhe atendeu, atacou-o. O caçador, porém, com um soco violento, derrubou o duende; mas com um simples movi-mento o Curupira atirou o homem a tamanha altura que sua perna fraturou-se ao cair. Agarrou então o caçador a sua mochila, que continha cera benta, e foi esse ato que o salvou. O Curupira tornou-se inofensivo. Mesmo assim, com a sua intensa "catinga" adormeceu o caçador que, ao despertar, viu-se deslizando corrente abaixo, na canoa, tendo ao lado uma flecha mágica. A partir desse dia transformou-se num excelente atrador, jamais errando o alvo. Desde esses tempos os Curupiras abandonaram o igarapé Arinoá e, à medida que os homens desbravavam a região, iam-se retirando mais para o interior da selva.

Ao contrário do Curupira, a cobra-grande ainda é vista pelos moradores de Itá. Acredita-se que ela pertença à família dos Boieiros e que seja uma "sucuriju" ou "jibóia", que atingiu di-mensões maiores que as normais e possui poderes sobrenaturais. Uma cobra-grande pode medir de 40 a 50 metros de comprimento e é tão grossa que "os sulcos que deixa ao se arrastar no solo

transformam-se em regatos". Crê-se que habita as partes mais profundas do rio e que se trate da "boina" ou cobra-grande mencionada pelos pajés. Algumas vezes surge à tona água onde todos a podem observar. Durante a nossa visita a Itá, em 1948, ninguém se atreveu a pescar à noite durante toda uma semana, porque uma cobra-grande aparecera duas noites sucessivas no rio, bem em frente à cidade. Dois pescadores lhe viram os olhos luminosos, fitando-os na canoa e foram para as suas redes, tremendo de pavor. A cobra-grande costuma aparecer nas noites de tempestade, durante o inverno ou na estação das chuvas. "Seus olhos brilham como os faróis de um barco fluvial". Diz o povo que algumas vezes ela se transforma em um "barco encantado" que foi visto várias vezes, por muitos anos, pelo trapicheiro de Itá, Antônio Noronha. A "cobra-grande-navio" dirigiu-se diretamente para o cais público, com todas as luzes acesas e, ao se aproximar, virou a jusante. Outra informação, fornecida por um seringueiro que viajava para Itá em uma canoa, veio confirmar as declarações de Antônio. Descansava ele em um velho barracão quando ouviu o ruído do motor de uma embarcação fluvial e em seguida avistou o barco aproximando-se do cais abandonado. Era um grande barco, todo iluminado, vendo-se ao leme "um homem vestido de vermelho" (provavelmente o Diabo). Subitamente, virou na mesma direção de onde viera. A relação entre o barco encantado e a cobra-grande nunca foi completamente esclarecida pela população de Itá, mas todos sentiam que eram manifestações do mesmo poder perigoso.

Outra perigosa aparição é a Matintapereira. Enquanto o Curupira e Anhangá habitam o coração da selva e as cobras-grandes fazem do rio o seu habitat, Matintapereira aparece na própria cidade. É muito natural, pois, que as crenças que a ele se relacionam sejam de origem essencialmente européia. A descrição de Matintapereira assemelha-se muito ao conceito que, no Velho Mundo, se faz dos lobisomens. Algumas pessoas em Itá dizem que Matintapereira é sempre uma mulher, outras, porém, alegam que aparece sob a forma masculina. Todos estão de acordo em que um indivíduo pode se converter em um Matintapereira pelo seu próprio destino. Tal indivíduo ignora a princípio a sua sorte mas depois começa a ter pesadelos, emagrece e sua pele adquire uma tonalidade amarelada. Matintapereira surge à noite, nas ruas ou nas proximidades das residências, sempre acompanhado de um pássaro preto como o carvão que é o seu bicho de estimação. Dizem alguns que "ao sair, deixa a cabeça em casa". Todos o temem porque "rouba a sombra" trazendo doenças e até a morte. Essa aparição pode ser capturada, desde que se façam rezas e se tranque

a porta ao sentir que o Matintapereira se aproxima. Na manhã seguinte, a pessoa-Matintapereira será encontrada sob a sua forma humana, sentada na soleira da porta. Pode-se também investir contra a aparição com chibatás, verificando-se no dia seguinte que a pessoa apresenta vergões no rosto. Um de nossos amigos de Itá alega ter capturado um Matintapereira há dez anos, usando o primeiro método; a jovem que apareceu à soleira de sua porta, na manhã seguinte, foi detida e encarcerada pela polícia.

O boto de água doce que habita a bacia amazônica é também encantado e dotado de poderes mágicos e sobrenaturais. Os habitantes da Amazônia notaram uma série de semelhanças fisiológicas entre o boto, que é um mamífero, e o homem e, do mesmo modo, muitas diferenças entre os mesmos e os peixes. Há dois tipos de botos conhecidos em Itá: o vermelho grande e o *murará* que é pequeno e preto. Diz-se que este último é de certo modo benevolente; salva os que se afogam, levando-os até à margem e afugenta os vermelhos quando estes atacam as canoas ou os banhistas. A despeito da boa reputação de que goza o pequeno boto preto, as pessoas acham mais prudente, entretanto, evitar tanto um quanto outro. Todos eles são criaturas dotadas de grande poder mágico.

De fato, quase todo o corpo do boto pode ser aproveitado para algum fim mágico ou medicinal. Pode-se secar a pele para o preparo de uma fumação utilizada no tratamento de mordidas de cobra ou feridas produzidas por aranhas. Outro tratamento consiste em ralar o dente ou osso do boto dentro de um pó a ser aplicado sobre a mordida ou ferida. Um dente de boto, pendurado ao pescoco de uma criança, curará a diarreia, e da orelha pode-se fazer um amuleto que, preso ao pulso da criança, lhe garantirá uma boa audição. A gordura do boto é importante ingrediente de um preparado contra o reumatismo e sua carne é considerada um remédio específico contra a lepra. Os miolos são extremamente potentes e perigosos; uma pequena quantidade deles — "o suficiente para passar no fundo de uma agulha" — adicionada à comida de um cachorro, convertê-lo-á num excelente cão de caça e o tornará imune à "panema". A mesma quantidade dada a um homem fará com que o doador adquira sobre sua vítima o mesmo controle que esta exerce sobre seu cão. Todavia, uma porção maior dos miolos do boto, colocada na comida de um homem, levá-lo-á à loucura e lhe atrofiará o cérebro. O pênis e o olho esquerdo do boto podem ser secos e ralados a fim de formarem

um poderoso afrodisíaco. Um pó preparado com "carajuru"<sup>(7)</sup> e pênis ralado pode ser espalhado sobre o pênis do homem, logo antes do coito. Diz-se que produz uma ereção tão grande e continuada que faz com que a mulher atinja várias vezes o orgasmo e "torne-se quase alucinada pelo seu amante". Um homem que se utiliza desse preparado poderá possuir a mulher sempre que a desejar. O olho esquerdo do boto pode também ser ralado com o pó, usado como uma poção mágica de amor, que deve ser colocada na comida da mulher pelo homem que a deseja. Segundo muitas pessoas, secando-se a órbita do olho esquerdo do boto, faz-se com ela uma "mira" através da qual um homem poderá espreitar a moça que deseje, fazendo com que ela se apaixone por ele<sup>(8)</sup>.

O boto tem grandes associações com o sexo na mentalidade dos habitantes de Itá e de outras comunidades amazônicas. Acredita-se que o próprio animal tenha grande potência sexual e poderes mágicos e corre que certos pescadores têm relações sexuais com fêmeas de boto que matam na praia. Os órgãos sexuais da fêmea são notavelmente semelhantes aos da mulher e proporcionam prazer tão intenso ao homem, diz-se, que se o animal não o afastar de si ele prosseguirá em coito até morrer. Em Itá, porém, os habitantes acham que as mulheres devem ser protegidas contra as investidas dos botos machos. Diz-se que as mulheres são incapazes de resistir a um homem se por ele se sentirem tentadas; do mesmo modo por que uma moça desacompanhada em Itá frequentemente cai nas garras de um amante, é ela incapaz de resistir ao boto macho. Julga-se que este pode aparecer sob a forma de um bonito rapaz, geralmente vestido com um terno branco engomado, surgindo inopinadamente nos lares para seduzir as mulheres, especialmente as virgens. Algumas vezes apresenta semelhança física com o marido e tem relações sexuais com a esposa que não percebe a mistificação. O boto macho, na forma humana, só poderá ser reconhecido pelo fato de ter os pés virados para trás mas, de qualquer modo, nenhuma mulher lhe pode resistir. A medida, porém, que continuam suas relações sexuais com o boto,

(7) *Planta selvagem Arrabidaea* sp. De suas folhas extrai-se um líquido vermelho.

(8) A respeito dessa superstição conta-se uma anedota engraçada: um jovem da cidade que viajava em uma embarcação fluvial apaixonou-se por uma mocinha, sua companheira de bordo. Ao passarem por Santarém, o rapaz comprou a órbita ocular de um boto, através da qual resolveu espreitar a moça; porém, ao tentar fazê-lo, a moça saiu do seu raio visual e-n-tele surgiu a imagem do gordo capitão, cujas investidas amorosas o rapaz passou o resto da viagem tentando evitar.

as mulheres tornam-se magras e macilentas e podem até morrer se as não interromperem. Se uma moça dá à luz o filho de um boto, a criança deve ser imediatamente "devolvida ao pai" (isto é, atirada nágua), a fim de que o boto não cause dano à mãe<sup>(9)</sup>. Numerosos casos de filhos ilegítimos são atribuídos ao boto na região amazônica.

Juca contou-nos a história da esposa de um amigo seu que foi seduzida por um boto. Esse amigo, que vivia em uma localidade rural vizinha de Itá, tinha por hábito pescar à noite. Numas dessas noites, um belo estranho veio à sua casa e lhe seduziu a mulher, voltando noite após noite. Ele de nada suspeitava, mas depois começou a notar que sua esposa aparentava cansaço excessivo e que se ia tornando macilenta. Observou também que cada vez que partia para a pesca, em sua canoa, um boto o acompanhava a distância, vindo à tona frequentemente e subitamente desaparecia. Ficou desconfiado e uma noite regressou mais cedo à casa. Ao entrar, pensou ter visto um homem correndo em direção ao rio, resfolegando como costumam fazer os botos. Na noite seguinte, quando o boto o seguiu, atirou sobre ele e viu uma mancha de sangue na superfície da água, ficando certo de haver acertado a pontaria. Sua esposa começou imediatamente a aumentar de peso e a perder a cor macilenta, mas o pobre marido, disse o Juca, caiu com febre e morreu pouco depois, entediado pelo amante-boto de sua mulher.

Vários casos de botos que seduziram ou tentaram seduzir virgens ocorreram em Itá. Raimundo contou-nos como um boto seduziu sua irmã que morrerá há alguns anos atrás. Viviam a esse tempo em um barracão próximo ao rio. Durante várias noites toda a família ouviu um estranho assobio, como se alguém estivesse chamando e uma noite sua irmã começou a enfiar uma canção esquisita e ininteligível. Correram todos para o quarto da moça e a encontraram nua, lutando depois violentamente com eles quando a impediram de se atirar nágua. Raimundo viu de relance uma figura branca ao entrar na água, ouvindo logo a seguir o resto legar de um boto. Seu pai esfregou o corpo da filha com alho, substância repelente para todos os botos, e a rapariga acalmou-se. Os habitantes de Itá creem que os botos desejam levar as mulheres para o fundo do rio e esse parece ter sido o caso da irmã de Raimundo. Não pôde ser salva, entretanto, porque convivera

(9) Nossos informantes em Itá não conheciam nenhum caso local de infanticídio por esse motivo, mas na última década, vários casos desse gênero ocorreram na região do Baixo Amazonas, tendo sido um deles julgado no tribunal de Belém. Tanto o pai, que aconselhara a mãe a matar o filho, como esta, foram acusados de homicídio.

durante demasiado tempo com o seu amante, morrendo pouco depois que este a deixou<sup>(10)</sup>.

O boto sente atração especial pelas mulheres menstruadas, as quais, por conseguinte, nunca devem viajar em canoa nessas condições. Se o fizerem, os botos machos seguirão a canoa tentando virá-la. As vezes nem é preciso que estejam menstruadas para os atrair. Uma mulher nunca deve olhar para um boto quando este aparece à tona, próximo à canoa, pois ele tentará raptá-la. Somente cravando-se uma faca no fundo da canoa, cortando-se a água com um grande facão ou besuntando a popa com alho comum ou alho silvestre, consegue-se manter os botos a distância. Outras pessoas dizem que eles não toleram o cheiro da pimenta e, em Itá, a população ribeirinha queima às vezes alho e pimenta quando as mulheres da casa estão menstruando, a fim de impedir a aproximação dos botos. Estes, mais do que qualquer outro animal, são "encantados", e o macho é um sério concorrente sexual do homem. Em todas as grandes festas, dizem certas pessoas, dois ou três deles comparecem, dançando com as moças e acabando por seduzi-las.

## V

Para o visitante, a população de Itá dá a impressão de se preocupar exageradamente com doenças, riscos da gravidez, parto e outros processos fisiológicos. Gastam grande parte de seus recursos em drogas comerciais como a "Saúde da Mulher" (preparado que alivia as dores da menstruação), Pílulas Carter para o fígado e outras drogas que podem ser encontradas em quase todas as lojas e postos comerciais. Todos conhecem uma infinidade de erras medicinais e métodos populares de tratamento das doenças. Durante toda a nossa longa conversa com um morador de Itá, o assunto doença, curas e remédios, infalivelmente vem à baila. Anotamos centenas de remédios específicos locais, numerosos métodos de tratamento e meios de evitar as doenças. Até há uma década atrás, Itá (e a maioria das áreas rurais amazônicas) carecia quase por completo de assistência médico-científica. De tempos a tempos um médico de Belém visitava a localidade a fim de atender os doentes e prescrever medicação. Eventualmente, um enfermeiro prático era designado para o posto de saúde man-

tido durante pequenos períodos pelo governo estadual. Até 1942, época em que o SESP designou um médico para Itá, fornecendo-lhe produtos farmacêuticos modernos, a população local dependia quase exclusivamente de drogas comerciais, remédios caseiros, plantas medicinais específicas e de seus curandeiros, para proteger-se contra as doenças e acidentes físicos. Com um regime alimentar inadequado, sem recursos de saúde pública ou assistência médica, destituída de conhecimentos científicos a respeito da transmissão de doenças e vivendo em um ambiente propício à sua propagação, a população de Itá sempre sofreu de péssima saúde. Não é pois de admirar que se preocupe tanto com o assunto.

O conceito que os residentes de Itá fazem da doença é de certo modo duplo. Acreditam em causas naturais e geralmente aceitam de bom grado as explicações fornecidas pelo médico sobre o motivo da doença; mas so mesmo tempo crêem que esta seja enviada pelos perigosos espíritos da selva e do rio, ou mesmo que seja resultado de um castigo imposto por algum santo. Seus próprios remédios populares refletem esse duplo conceito. O pajé cura por meio de fórmulas mágicas, extraindo partículas estranhas, com a ajuda de seus espíritos amigáveis, porém, receita também dietas especiais e plantas medicinais. Do mesmo modo, as pessoas, conquanto orem a seus padroeiros, pedindo intervenção para uma cura, tomam também drogas comerciais e remédios locais. Muitas das crenças de Itá a respeito do tratamento de doenças são solidamente fundamentadas em fatos observados; outras, porém, baseiam-se em conceitos mágicos e sobrenaturais. Alguns dos métodos terapêuticos e remédios utilizados pelos habitantes de Itá e por curandeiros locais têm, pelo menos, uma boa base científica, enquanto outros são prejudiciais para o doente. De qualquer modo, quer sejam bons ou maus à luz da medicina científica moderna, o fato é que o povo de Itá conseguiu sobreviver no ambiente amazônico por vários séculos.

O parto é um processo perigoso. Embora não se disponham de dados referentes ao número de óbitos devidos ao parto ou ao número de natimortos, fomos informados sobre vários casos de morte por parto. Quase toda as mulheres haviam perdido um filho na ocasião do parto ou tinham sido vítimas de abortos.

Em Itá a maioria dos partos são assistidos por "curiosas", como chamam às parteiras que, na localidade, são em número de quatro, além das seis outras das localidades vizinhas. Essas velhas que ajudam os partos e que geralmente se instalam nas casas para cuidarem da mãe e da criança durante 8 dias, cobram, em

<sup>(10)</sup> Se uma jovem enfiar um alfinete em seu amante-boto, desencantá-lo-á e ele permanecerá para sempre sob a forma humana.

média. Cr\$ 50,00 pelo primeiro parto e apenas Cr\$ 20,00 pelos subsequentes. Durante sua estada, a parteira tem direito às refeições e o marido é obrigado a mandar uma canoa para a trazer e levar de volta. Em sua maioria são viúvas que, como dona Joaquina Costa, já tiveram vários filhos seus e vivem em casa de algum parente durante os pequenos períodos em que não têm clientes. Muitas são dotadas do poder de "benzer" e conhecem inúmeras rezas que usam como encantamento para auxiliar as clientes. Aconselham-nas também durante a gravidez e sobre a higiene da mulher durante a menstruação.

As mulheres não gostam de falar sobre menstruação, mas as parteiras são notáveis fontes de sabedoria a respeito desse assunto e outros aspectos da higiene feminina. Foram elas principalmente que nos informaram acerca desses aspectos da vida de Itá. Os homens acham que as mulheres são pouco limpas durante a menstruação e as relações sexuais nesse período são consideradas perigosas à saúde do homem<sup>(11)</sup>. Aconselha-se às mulheres que não tomem banho ou lavem os cabelos nessa ocasião e que evitem comer frutas ácidas, como laranjas, limões e mangas. Acima de tudo devem evitar os córregos e rios devido ao "carraço", artílope semelhante à aranha que vive à beira d'água. O cheiro do fluxo menstrual, explicaram-nos algumas parteiras, irrita o "caruara" que atrai flechas invisíveis quando as mulheres passam e estas, em consequência, sentirão as pernas e os braços inchados. Morena Porto foi atacada por um "caruara" durante a menstruação e contou-nos o tratamento prescrito pela parteira. Esta mandou-a friccionar o corpo com um unguento preparado com as folhas de várias árvores, misturadas ao óleo da noz do "araticu" e da "andiroba". Benzen-a, também (isto é, tocou-lhe a cabeça enquanto murmurava uma oração), para afugentar o "caruara". As mulheres também pedem às parteiras que lhes receitem remédios para as cólicas da menstruação, fluxo menstrual excessivo ou suspensão anormal das regras. Para este último caso, dona Joaquina receita, entre outras drogas, uma poção feita de raízes da "abuta"<sup>(12)</sup>, polpa da "buchinha"<sup>(13)</sup> e folhas de café, que deverá ser tomada duas vezes ao dia. Algumas parteiras conhecem também métodos anticoncepcionais e métodos de pro-

(11) Alguns homens acreditam que podem contrair gonorréia se tiverem relações sexuais com uma mulher menstruada.

(12) *Mespertuaca* sp.

(13) Consta que a polpa da "buchinha" contém um alcalóide forte. Ver Paul Le COINTE, *Amazônia brasileira: árvores e plantas úteis*, S. Paulo, 1947, p. 81.

cação do aborto, porém a maioria das pessoas é de opinião que não são muito bem sucedidas nesse ponto. Uma delas disse-nos que conhecia uma oração capaz de "atalhar" uma mulher e que a usara com uma cliente do igarapé Itapereira. Esta tivera três casais de gêmeos e não queria mais conceber. Recetara também chás de casca de "carapanába" (*Apocynaceae*)<sup>(14)</sup>, ananás, polpa da "buchinha" e casca de quina para provocar o aborto, caso a oração falhasse.

A maior parte das parteiras diz que pode diagnosticar o sexo da futura criança. Uma das quatro que vivem em Itá disse-nos que predizia o sexo da criança pela maneira de andar da gestante. "Se põe o pé esquerdo na frente em primeiro lugar como é hábito das mulheres, será uma menina, porém, se começa a caminhar com o pé direito como os homens, será um menino". Todas as parteiras previnem a gestante e o marido (se este ainda não o sabe) para que não toquem em carne ou peixe apanhados por outros, pois poderiam fazer com que o caçador ou pescador contaisse "panema". Aconselham a futura mãe a ter cuidado na igreja, onde o cheiro do incenso lhe poderá provocar desmaios<sup>(15)</sup>. As gestantes não devem comer bananas gêmeas (isto é, dois frutos reunidos) para evitar que lhes nasça um casal de gêmeos. Durante a gravidez, entretanto, as mulheres podem continuar no seu trabalho de preparar a farinha, e mesmo carregar latas d'água do rio. Excetuando as poucas restrições acima mencionadas, a gravidez é considerada um período relativamente saudável.

Logo que a mulher começa a sentir as dores do parto, seu marido chama a parteira. Quando esta habita a grande distância, geralmente vem com antecedência para aguardar o nascimento. Algumas mulheres preferem dar à luz na rede, numa posição semi-sentada, com as pernas para fora. Frequentemente são amparadas sob os ombros pela parteira ou mesmo pelo marido, ao se sentarem na rede que é aberta na parte de baixo a fim de que a parteira possa aparar o recém-nascido. A maioria das parteiras, porém, não gosta que suas clientes utilizem a rede, preferindo um enxergão feito de esteira e lençóis. Dizem elas que assim as mulheres têm maior apoio "para dar o puxo" ou para fazer força durante cada contração. À medida em que vêm as dores a parteira faz massagem no abdome e nas coxas da mulher e lhe fle-

(14) Essa casca, segundo dizem, contém também um alcalóide forte. *Ibid.*, p. 123.

(15) O desmaio na igreja pode ser embaraçoso, portanto, principalmente para uma moça solteira.

xiona as pernas. Se o parto estiver difícil, dá à parturiente chás e "garratadas" (preparados de várias ervas, cascas e raízes, geralmente embebidas em aguardente). Durante um desses partos difíceis, dona Joaquina espalhou um ovo batido, misturado com açúcar, sobre o abdome da mulher, dando-lhe também a mesma mistura por via interna para a fortalecer. Utiliza uma mistura de vários óleos de palmeira e folhas de plantas selvagens, preparando um unguento que alivia as dores do parto.

Rezas e encantamentos são também usados pela parteira para ajudar as parturientes. Logo que a criança nasce, a parteira corta o cordão umbilical, a uma distância de "três dedos da mãe e três dedos da criança" e liga-o com um barbante cujas extremidades são untadas com um óleo de palmeira e, em seguida, fricciona o umbigo da criança com suco de tabaco. Antigamente não se banhava o recém-nascido por receio à "doença do sétimo dia" (infecção do cordão umbilical) mas hoje em dia pode-se dar um banho morno. Se uma criança nasce "adormecida" (aparentemente morta), a parteira lhe espalha com a ponta dos dedos um pouco de óleo de oliva ou qualquer óleo de palmeira sobre a garganta e o peito; em seguida, com um chocalho ou duas pedras de metal qualquer, faz barulho para "despertar" a criança. Para provocar a queda da placenta, dona Joaquina sopra na boca de uma garrata. A maioria das parturientes são enroladas em um grande lençol, logo após o parto, "a fim de mantê-las seguras", evitando dessa forma que caia a "mãe de corpo" (prolapso do útero).

Depois do parto há um longo período de convalescença, durante o qual a mãe deve respeitar numerosos tabus pós-natais. A duração da convalescença depende do sexo da criança, sendo de 45 dias para os meninos e 42 para as meninas. Nos primeiros 8 dias desse período, a parteira aconselha suas clientes a permanecerem na rede e, se possível, em um quarto escuro, enquanto os restantes dias são passados em casa, evitando, de preferência, as tarefas pesadas e observando algumas restrições alimentares. Nesses 8 dias iniciais, por exemplo, a mãe poderá comer frango, não porém a espécie que tem pernas pretas e pescoço pelado, comum em Itá. Poderá comer um mingau feito de farinha de arroz e de mandioca, e a banana de São Tomé bem cozida não lhe fará mal. Deve tomar de preferência chás de ervas medicinais e mesmo depois dos 8 primeiros dias convém evitar certos alimentos fortes e prejudiciais, como ovos, carne de porco, frutas cítricas, feijões, peixes sem escamas e a maioria das caças. A carne de animais reprodutores é considerada indigesta, especialmente os

que se achavam no cio ao serem mortos. Porém, a carne de vitiela e de animais castrados é menos forte e não oferece perigo. Durante toda a fase de convalescença as mulheres não devem banhar-se no rio. Após 15 dias têm permissão para se lavar em uma bacia d'água, mas se tomarem banho no rio antes do término do resguardo, diz-se que correm risco de serem emprenhadas por algum peixe elétrico ou uma grande serpente.

Algumas parteiras aconselham os maridos a observarem um período de 8 dias de resguardo após o parto da esposa, durante o qual não devem executar qualquer trabalho pesado, pois poderiam assim provocar "dores de corpo" na criança. Entretanto, poucos são aqueles que consideram necessária essa forma de "chocar" grandemente modificada e que seguem tal prática.

Os partos assistidos por parteiras não são especialmente limpos ou higiênicos. Recentemente, um médico do serviço de saúde pública conseguiu convencer, pelo menos as parteiras residentes em Itá, a freqüentarem o posto de saúde para receberem instruções a respeito dos princípios elementares de higiene. Pediu-lhes que fervessem os lençóis, toalhas, ataduras abdominais e tesouras, antes de usá-los. Essas noções modernas, se é que se pode dar crédito às parteiras locais, foram adotadas. O serviço de saúde forneceu uma pequena maleta a cada parteira, equipada com tesouras cirúrgicas, gaze, esparadrapo, mercúrio-cromo e categute. Foram solicitadas a notificar ao médico todos os nascimentos, para preenchimento dos dados bioestatísticos. Uma velha parteira rebelou-se contra essas novas idéias e ficou horrorizada quando o médico sugeriu que desse suco de laranja e ovos à parturiente antes de terminados os 42 dias de convalescença, continuando a seguir os conceitos e métodos tradicionais. As demais parteiras, entretanto, sentiram-se orgulhosas de verem seu ofício reconhecido e atualmente chamam o médico com maior freqüência para auxiliar nos partos difíceis.

Como acontece com o parto, a maior parte das doenças ou acidentes em Itá são tratados por curandeiros nativos e por meio de métodos tradicionais de medicina caseira. É grande a freqüência diária ao posto de saúde fundado, em 1942, pelo SESP, onde o médico dá agora consultas todas as manhãs. Os habitantes do lugar habituarão-se a visitar o posto quando estão doentes e chegam mesmo a chamar o médico a domicílio nos casos de acidente ou doença grave. Os moradores dos distritos rurais, mesmo os de fora da área incluída na comunidade de Itá, freqüentam o posto para consultas. Os serviços prestados pelo médico são gratuitos,

assim como os remédios que receita. Todavia, uma vez que a função precípua do médico, na comunidade, é a de sanitaria e visto ter ele ainda duas outras cidades em seu distrito, pouco tempo lhe sobra para a assistência médica. Além disso, apesar da fila de pessoas que todas as manhãs esperam sua vez de consultar no posto de saúde, o SESP não pode atender a toda a população urbana e rural desse enorme distrito. A maioria dos habitantes dessa área, por sua vez, não está ainda acostumada a procurar cuidados médicos. Não obstante a presença do médico e sua crescente importância, a população continua procurando seus pajés, benzedeiras e rezadeiras para que lhe curem as doenças.

Esses profissionais podem ser de ambos os sexos mas geralmente são mulheres. Como o pajé, possuem elas algum poder especial para curar, embora tais poderes se manifestem de forma mais atenuada que os do pajé. É um poder que se torna evidente através de diagnósticos e curas sucessivas. Os seus tratamentos consistem geralmente em orações usadas como encantamentos e ervas medicinais. As orações, que elas em geral sabem de cor e que a maioria conserva em segredo, são específicas contra dores de cabeça, resfriados, diarreia, febres e outras doenças e indisposições comuns e só têm poder para a benzedeira ou rezadeira que as utilizam. Algumas benzedeiras são especialistas. Uma delas é famosa pela cura de mordidas de cobra. A maior parte, porém, conhece a fundo as ervas medicinais, além de numerosas drogas comerciais disponíveis no mercado local e que curam uma grande variedade de doenças. Na cidade de Itá há no mínimo uma dúzia dessas profissionais, pelo menos uma em cada localidade rural das vizinhanças.

Muitos dos remédios receitados pelas benzedeiras e rezadeiras são remédios caseiros comuns que podem ser aplicados por qualquer um que deles tenha conhecimento. As mulheres mais frequentemente que os homens conhecem os nomes e os usos dessas plantas. "Os homens sempre perguntam às suas mulheres", foi o que nos respondeu um homem quando lhe pedimos que nos explicasse o valor medicinal de uma planta. No quintal de quase todas as casas de Itá, há um caixote sobre varas, denominado "jirau" e no qual várias dessas plantas são cultivadas. Estas, que algumas vezes são confundidas com flores decorativas, são ervas medicinais — por assim dizer, o armário de remédios da família — que foram plantadas ou transplantadas a fim de estarem à mão em caso de necessidade. Além disso, quase todas as famílias de Itá possuem vidros de remédios feitos de raízes e cascas de árvores nativas embebidas em aguardente, conservando à mão um saco

contendo suas ervas secas, cascas e raízes favoritas. Outras podem ser adquiridas nos armazéns locais e postos comerciais. Há as folhas do "urubu caá" (*Aristolochia Trilobata*), as da hortelã, a casa da "japana branca" (*Eupatorium ayapano*), casca da falsa acácia, casca do "pracaxi" (*Pentaclethra filamentosa*), a seiva da "caxinguba" (*Ficus*), folhas do abacateiro, folhas do manjerição (*Ocimum minimum*) e, literalmente, centenas de outras plantas, cascas e raízes que se sabem possuir propriedades medicinais. Essas plantas são usadas em diversas combinações, dependendo frequentemente da prática dos curandeiros que as recebem. Geralmente, entretanto, são preparadas e usadas sob a forma de chá, como infusões misturadas com aguardente, como remédios, "sadores", fumigações (a fim de produzirem uma fumaça considerada curativa) ou banhos. Outras são tomadas como tônicos e há as que provocam vômitos ou têm propriedades purgativas.

Uma benzedeira de Itá pode receitar praticamente centenas de fórmulas minuciosas para esses preparados. As folhas do manjerição aromático são usadas para um chá que se toma contra o resfriado comum ou a tosse. O suco da casca do "pracaxi", misturado com um pouco d'água, coado através de um pedaço de pano e deixado do lado de fora, à noite, para apanhar sereno, é um poderoso emético utilizado no tratamento de vermes intestinais. Para preparar um purgante forte "apanhe nove sementes do 'piãozeiro' (*Ictropha cuneata*), corte-as ao meio, jogue fora a pele que as envolve, amasse metade de cada semente e extraia o suco que deve ser ingerido com uma pequena xícara de café". Para os olhos inflamados, "rale a raiz do 'japu' e misture-a com leite materno — ou caso não disponha deste, com a clara de um ovo, — colocando a mistura sobre os olhos". O reumatismo pode ser tratado por meio de "um banho quente preparado com cana-de-açúcar ou folhas de manjerição expostas ao sol durante três dias e ao sereno durante três noites". A coqueluche é tratada com folhas de "aturia"<sup>(16)</sup> misturadas com algumas gotas de guerosene. "A gordura do lagarto, misturada com um líquido feito com uma infusão de espigas de milho, folhas de laranja e limeira e flores secas do sabugueiro (*Sambucus nigra*)" é remédio contra o sarampo. Todos esses chás, eméticos, purgantes e banhos exigem geralmente um período de resguardo, durante o qual é necessário evitar certos alimentos, exposição ao sol ou à chuva e trabalhos pesados. Depois de tomar o purgante de "piãozeiro" acima descrito, a pessoa não deve comer peixe duran-

(16) *Machaerium lunatum*, planta espinhosa, de longas folhas, que cresce nas margens baixas do rio.

te dois dias, ou expor-se ao sol, à chuva e ao sereno. Após qualquer purgativo, o doente deve evitar olhar para qualquer folhagem verde até sentir os primeiros movimentos intestinais e, depois de banhos medicinais, eméticos e purgativos deve abster-se dos alimentos tidos como indigestos. A ideia de que todo tratamento tem as suas próprias regras de convalescença é tão enraizada em Itá, que o médico encontrou dificuldade em persuadir os clientes de que os remédios que receita não exigem dietas especiais, repouso e outros tabus.

Nem todos esses remédios são específicos contra doenças, mas muitos deles podem ser tomados como preventivos ou como fortificantes para determinados fins. As mulheres tomam banhos em que misturam o feijão "cumaru"<sup>(17)</sup> a fim de despertar cúmes nos maridos. Um preparo feito com a raiz da "umaparanga" trará boa sorte nos negócios. Existem também infusões para evitar os efeitos do "mau-olhado" e para afastar o morcego vampiro. Um banho quente com casa de cupim, misturada com ervas finas da floresta é um preventivo contra bruxarias. Outros chás e ervas medicinais são tomados para proteger as mulheres durante o longo período da gravidez e evitar que as crianças contraiam as doenças da infância. Existem vários afrodisíacos, como a raiz ou casca da árvore "marapana"<sup>(18)</sup>, misturada com um pó preparado com o pênis seco do coati<sup>(19)</sup> e tomado na água. Além dos remédios de uso interno, há os emplastros e métodos de tratamento. A boubá e as úlceras tropicais, por exemplo, são tratadas com um emplastro feito com um limão cozido, misturado com ferrugem raspada do ferro e colocada sobre a ferida aberta. O leite da planta "apui" (*Gutierrezia*), misturado com pimenta malagueta, forma um emplastro usado para qualquer machucadura nos braços e pernas. As úlceras produzidas pela sífilis são curadas com uma compressa feita de nitrato de prata (obtido na farmácia) e clara de ovo, ou então coloca-se um pedaço de cobre sobre a úlcera, amarrando-o bem apertado.

Conhecem-se também numerosas fórmulas para fumigações. Estas são usadas para curar alguma doença, para evitar contrair uma endemia, afastar o "assustamento", libertar as pessoas e

(17) *Commersonia odorata* Aubl.

(18) Essa árvore fora do Amazonas é chamada de "catuba" (*Bignoniaceae*) e sua casca é amplamente usada em todo o Brasil rural como afrodisíaco ou tônico para os "nervos".

(19) O coati, animal parecido com o *raccoon* americano, "nunca tem um pênis mole", explicam as pessoas.

objetos da panema ou, simplesmente, para trazer felicidade ao lar. Algumas donas-de-casa tradicionais "fumigam suas casas todas as semanas". Dona Branquinha, a professora, segue essa prática todos os sábados e dona Felícia Marajó, pertencente também à classe mais alta, todas as sextas-feiras. Variam a fórmula de acordo com o fim. Uma das fórmulas para evitar epidemia é o "favo de uma determinada abelha, misturado com semente do "oxi" e folhas secas da árvore "parapará", mistura essa que é queimada em uma vasilha de cerâmica. As fumigações, segundo certas pessoas, devem começar sempre pela frente da casa, progredindo de cômodo em cômodo até a cozinha, lançando-se depois as cinzas na direção do poente. Hoje em dia, em Itá, a prática da fumigação não é tão usada quanto antigamente. Muitas pessoas adotam-na apenas para o tratamento da panema, porém várias fórmulas são conhecidas e as fumigações continuam sendo um método tradicional da medicina popular em Itá. Os amuletos e talismãs, com poderes para curar e proteger, são também incluídos na série de crenças. Fazem-se "almofadas" colocando-se diversas fórmulas e objetos em um saquinho que deve ser usado em torno do pescoço. Uma almofada de penas de "jacuratu"<sup>(20)</sup> protegerá as crianças das doenças e os dentes do jacaré ou do boto de água doce preservá-las-ão do "mau-olhado" e da diarreia. Uma pulseira feita com as "lágrimas-de-nossa-senhora" (pequenas sementes vermelhas e pretas de uma árvore) protege a criança contra os animais que lhe podem roubar a sombra, contra a diarréia causada pela dentição e outros males. Esse conjunto de crenças referentes às doenças, desgraças, acidentes e perigos de natureza mágica é, em Itá, realmente considerável. Os profissionais nativos — pajés, parteiras, benzedoras e rezadeiras — possuem conhecimentos mais extensos que o leigo e capacidade pessoal para curar que se manifesta através do poder de suas orações. Todos os habitantes de Itá, entretanto, especialmente as mulheres, conhecem a fundo sua medicina popular e a preocupação com os remédios é um assunto de interesse permanente para a população local. É um aspecto que tem grande destaque em sua cultura.

## VI

Os pontos de vista gerais da população de Itá e de outras comunidades amazônicas estão em processo de transição. A transformação de uma cultura popular apoiada em conceitos mágicos

(20) Variedade de jacu (*Penelope jacquacu*), grande ave selvagem.

para outra que baseia sua concepção do universo em princípios científicos já ocorreu há algum tempo em muitos centros da civilização ocidental e está ainda se processando em várias das suas regiões remotas. Em Itá, esse processo atingiu um ponto que já foi alcançado há muitos anos pela maior parte das comunidades ocidentais. Porém, a mudança que se verifica em Itá, embora seja essencialmente a mesma, difere profundamente da outra, sob vários aspectos. Com os meios modernos de comunicação e com a técnica de que dispomos atualmente, o processo de transição em Itá é mais rápido e mais drástico. Não ocorre gradualmente. Lá as crianças estão habituadas a ver os aviões que sobrevoam a localidade ou que pousam semanalmente no rio Amazonas para desembarcar passageiros, carga e correspondência e, no entanto, nunca viram um automóvel, sobre o qual vivem a fazer perguntas; com que se parece, e como anda. O médico de Itá aplica a penicilina para curar a sífilis, a pneumonia e outras doenças, em vez de banha de lagarto, raízes e folhas de plantas e cura sem o auxílio de rezas e encantamentos. De um conceito primário de que a malária é contraída ao se tomar um banho ou beber água estagnada, o povo de Itá é subitamente levado a crer que a doença é transmitida pelo mosquito anófeles e que suas casas devem ser expurgadas com ddr. Um doente pode ser tratado um dia com um purgante forte feito com cascas e raízes selvagens e no dia seguinte com um composto de sulfá ou com penicilina. Em Itá, os métodos e conceitos medievais e aborígenes são substituídos bruscamente pelos métodos e conceitos mais recentes do século vinte, sem que experimenterem a transição gradual por que passou a ciência moderna.

Seus habitantes, como os povos de qualquer parte do mundo, reconhecem prontamente as vantagens decorrentes de métodos e instrumentos tão eficientes e produtivos. Ficam satisfeitos, por exemplo, com os resultados do ddr. Não só a malária desapareceu quase inteiramente da cidade, como o expurgo periódico com esse preparado limpou suas casas de outros insetos. É um prazer hoje em dia sentar ao ar livre, à tardinha. Reconhecem que a penicilina é um remédio mais eficaz que as suas próprias drogas caseiras, porém custam mais a aceitar os conceitos científicos que determinam o expurgo das casas e outras inovações.

Um elemento novo introduzido numa cultura não substitui imediatamente o antigo; as idéias e métodos novos devem integrar-se no âmago da cultura anterior e, durante o processo, modificam-se a cultura e os pontos de vista gerais da população. Métodos novos podem ser impostos por fatores externos, porém a mudança nunca é completa até que os novos métodos sejam inte-

grados no esquema de concepção da população em questão. O prefeito de uma cidade amazônica, por exemplo, explicou a um sanitarista que prestaria sua cooperação às obras de drenagem, ao programa de medicação da malária e ao expurgo com ddr "porque é de minha obrigação executar as ordens emanadas do governo". Assegurou, porém, ao médico que "a malária é transmitida pela água estagnada". Os moradores de Itá escutavam com atenção o médico e a enfermeira visitadora quando estes lhes explicavam que seus filhos apanhavam o verme da oplação na terra, ao andarem descalços e brincarem na sujeira; aceitavam o vermi-fugo que o médico lhes dava para livrarem temporariamente os filhos dos vermes, porém nada faziam para eliminar a causa da infecção. Certa vez, disse uma mulher, ao terminar o médico a sua palestra educativa: "meu neto tem vermes porque toma leite condensado demais" (de uma marca muito adocicada). Outros insistem em que os vermes resultam de alimentos muito "fortes", ou provêm do medo causado pelos animais selvagens.

Há um ditado corrente no Brasil: "Fé na Virgem e pé na estrada". Em outras palavras, ninguém deve confiar unicamente na fé. Este velho adágio é seguido pelos habitantes de Itá. Alguns aceitam as novas idéias científicas vindas de fora, embora ao mesmo tempo receiem desfazer-se de suas crenças e práticas tradicionais e muitos têm mais fé em seus curandeiros nativos do que no médico. Numa crise, "experimentalção" o último. Mariano Gomes, por exemplo, que ocupou o cargo de secretário do governo municipal há alguns anos, gabava-se de ter curso secundário. Era um dos maiores defensores do posto de saúde e dos benefícios da ciência médica moderna; no entanto, ao adoecer gravemente procurou ao mesmo tempo o médico do posto de saúde e Ascendino, o pajé, para se tratar, tendo o pajé vindo secretamente a Itá para lhe diagnosticar a doença. Disse ele que Mariano estava doente em consequência de bruxaria que "o médico não sabia curar". São frequentes os casos de pessoas que possuem fé aparente na ciência e que recorrem às práticas de magia e, em Itá, a maior parte delas recorre às ervas medicinais, aos curandeiros nativos e às fórmulas sobrenaturais antes de apelarem para a ciência. Uma das queixas mais frequentes dos médicos que praticam na região amazônica é o estado em que se apresentam os pacientes quando finalmente os resolvem procurar. Aham-se desidratados devido ao uso de purgantes fortes e aos vômitos violentos e enfraquecidos pelas numerosas ervas medicinais e dietas rigorosas. Para a maioria das pessoas, quer por motivos econômicos, quer pela distância ou quer, simplesmente, pela falta de fé na ciência, a medicina moderna representa um último recurso.

Entre os dois sistemas, entre as tradições populares e a ciência, os conflitos são inevitáveis. Os médicos, conscientes do choque entre ambos os sistemas, expulsaram da cidade os pajés que prosseguem secretamente em suas práticas nas áreas rurais isoladas. Sem compreenderem os conceitos locais sobre os alimentos perigosos e a necessidade de resguardo após tomar qualquer remédio, os médicos irritam-se com os pacientes que se recusam a comer frutas cítricas, ovos e outros alimentos "fortes", negando-se também a dá-los aos filhos. As pessoas atigem-se e zangam-se mesmo, quando os médicos riem-se de suas superstições e aconselham as mulheres a se libertarem de seus tabus pós-natais, expondo-se assim às doenças e aos perigos sobrenaturais. Nem sempre os médicos ouviram falar da panema ou do "caruara", por exemplo, e se viessem a conhecê-los, sua tendência será para os desprezar como prova de ignorância de gente atrasada. Os engenheiros aborrecem-se quando as turmas de operários se recusam a trabalhar nos dias 1.º e 24 de agosto, por não saberem que esses são "dias aziagos". Estando a par das crenças da população com a qual trabalham, o médico, o engenheiro, ou qualquer um que procure introduzir novos métodos e idéias numa comunidade do interior, estará em condições de evitar muitos conflitos. Munido de tal conhecimento, poderá qualquer um explicar muitos conceitos novos em termos compreensíveis para a população e mais facilmente substituir muitos hábitos e crenças antigos.

Os novos métodos, técnicas e conceitos fundamentados na ciência só serão plenamente aceitos quando as teorias científicas de sua motivação forem integradas na concepção universal de um povo. Alguns métodos poderão ser aceitos mecanicamente como práticos, especialmente quando forem inculcidos na população por algum fator externo. As pessoas poderão auferir grandes benefícios de tais inovações mas, sem que compreendam por si mesmas a base de tais atividades, é pouco provável que continuem a adotá-las, uma vez removida a pressão exterior. O povo de Itá tem satisfação em contar com fossas sanitárias, expurgo periódico com DDT, vacinação e outros recursos. É duvidoso, entretanto, que continuem seguir a cogitar de tais obras, caso o serviço de saúde seja extinto. Uma campanha de saúde pública deve, portanto, incluir um programa de educação sanitária que tenda a modificar as crenças tradicionais enraizadas a respeito das causas e tratamento de doenças e que demonstre a necessidade de manter recursos de saúde pública e os benefícios que deles resultam. As crenças sobre saúde e doença mantidas pelo povo de Itá são parte de sua concepção universal que inclui o culto dos santos, a fé nos espiri-

tos das selvas e dos rios, nos pajés e nas parteiras, sua confiança nas orações e nos encantamentos e o seu conhecimento a respeito dos remédios caseiros preparados com ervas. Essas numerosas crenças e práticas fundem a magia com o conhecimento empírico. Trata-se ainda, fundamentalmente, de pontos de vista sobrenaturais, embora o conhecimento científico vá ganhando terreno sobre a magia com crescente rapidez.